

**Phonological Assessment of Child Speech (PACS).**

Dentro do campo maior dos estudos sobre a aquisição e o desenvolvimento da linguagem pela criança, surgiu na última década um foco de interesse cujo crescimento é muito acentuado principalmente na Europa, Estados Unidos e Canadá. Trata-se de pesquisas através das quais lingüistas tentam descrever o sistema fonológico de crianças com problemas de fala causados por fatores orgânicos, emocionais ou ambientais, bem como o de crianças que apresentam desvios fonológicos evolutivos, sem etiologia conhecida. O propósito destes estudos é contribuir com os terapeutas de linguagem em termos de diagnóstico e da obtenção de subsídios para o planejamento da terapia dos desvios. Ao fazer um trabalho básico de análise lingüística, o lingüista estabelece, entre outros aspectos, o sistema fonológico da criança, os padrões de desvio e sua sistematicidade, os contrastes não estabelecidos, as estruturas fonotáticas existentes, possibilitando, assim, um melhor conhecimento de casos individuais e de tendências gerais. Devem ser citados, neste contexto, trabalhos influentes como os de Ingram (1976), Grunwell (1981, 1982), Hodson & Paden (1983), Edwards & Shriberg (1983), Stoel-Gammon & Dunn (1985) e Elbert & Gierut (1986) e os procedimentos para avaliação clínica de Weiner (1979), Hodson (1980), Shriberg & Kwiatkowski (1980), Ingram (1981) e Grunwell (1985).

Este último intitula-se **Phonological Assessment of Child Speech (PACS)** e quer ser, como Grunwell diz no prefácio, «... um livro prático escrito em resposta a uma necessidade prática...», sendo o resultado de muitos anos dedicados à elaboração de um bom manual de avaliação e diagnóstico de desvios fonológicos.

**PACS** divide-se em sete capítulos. O capítulo 1 versa sobre princípios de análise e avaliação fonológica. Grunwell discute a importância, na área clínica, da distinção entre descrição fonética e descrição fonológica; as características essenciais de um modelo de análise lingüística para uso em clínica; os tipos de análise que devem fazer parte de um modelo para que seja satisfatório — o estabelecimento do inventário fonético, o estabelecimento do sistema de contrastes, a des-

crição «polissistêmica» dos padrões distribucionais e a análise das possibilidades fonotáticas.

No capítulo 2, Grunwell apresenta e avalia diferentes técnicas de coleta de dados, o tamanho da amostra, a organização dos dados coletados, a transcrição fonética — enfim, um guia prático para a situação de entrevista e elicitación de dados.

No capítulo 3, a autora discute a importância de uma análise fonética exata dos dados colhidos. A determinação dos fones que a criança é ou não capaz de produzir e a distribuição dos mesmos na sílaba e na palavra constituem informação essencial porque poderão apontar para dificuldades fonéticas, articulatórias ou auditivas. A análise fonética servirá também como elemento de comparação com a análise fonológica feita em seguida.

No capítulo 4, passa-se para a avaliação da adequação comunicativa da criança através da análise fonológica do próprio sistema da criança e da análise contrastiva do mesmo com o sistema-alvo. A primeira é chamada por Grunwell de polissistêmica: os fones contrastivos são examinados separadamente em cada posição na sílaba e na palavra. A análise contrastiva, por sua vez, pretende investigar a adequação do sistema fonológico da criança quanto à inteligibilidade e determinar com precisão os contrastes inexistentes, levando à identificação imediata de algumas metas da terapia. É feito, também, o levantamento das possibilidades fonotáticas, isto é, das estruturas silábicas que ocorrem ou que são reduzidas na fala da criança, causando a perda de segmentos e de sílabas inteiras.

No capítulo 5, Grunwell coloca a necessidade de situar a avaliação clínica obtida dentro de uma dimensão evolutiva, tentando determinar as semelhanças e diferenças entre a pronúncia da criança com desvios fonológicos e o que se sabe sobre a aquisição e o desenvolvimento normais. Segundo Grunwell

«... atualmente o procedimento analítico mais utilizado para a investigação do desenvolvimento fonológico em crianças é aquele derivado da Fonologia Natural de Stampe. Os padrões de pronúncia na fala das crianças são analisados em termos de processos fonológicos que refletem as restrições naturais (de produção) da capacidade humana para a fala» (p. 53).

Após caracterizar brevemente o modelo teórico, Grunwell define 26 processos comuns e incomuns, dividindo-os em

NOTA: A tradução das citações é de responsabilidade da autora desta resenha.



duas categorias amplas: simplificações estruturais e simplificações sistêmicas. Apresenta o procedimento para a análise dos processos e os padrões de uso de processos que caracterizam um desenvolvimento fonológico com desvio: persistência de processos normais, desencontro cronológico, processos incomuns ou idiossincráticos e o uso variável de processos.

No capítulo 6, a autora acrescenta procedimentos que podem ampliar o campo de abrangência do **PACS** pela investigação de aspectos específicos de padrões de pronúncia, facilitando o planejamento da terapia de desvios fonéticos e fonológicos bem determinados. Nestes se incluem dificuldades de seqüenciamento de consoantes (como nos encontros consonantais), perda múltipla de contrastes fonêmicos, variabilidade e superposição de realizações, homofonia, bem como fatores lexicais e gramaticais que podem interagir com o desempenho fonológico.

No capítulo 7, Grunwell discute as aplicações e implicações clínicas dos resultados da análise e avaliação fonológica conseguidas através dos procedimentos do **PACS** e seu valor para a identificação das prioridades e determinação dos procedimentos da terapia fonológica.

Nos três apêndices, a autora apresenta a análise completa dos dados de duas crianças, indicações para o tratamento das mesmas e, por último, todos os símbolos e diacríticos necessários à compreensão e execução de uma correta transcrição fonética.

Como Grunwell se propôs, este é um livro «prático». Além de exemplos e de formulários para exercícios ao fim dos capítulos 2 até 6, os dados reais constantes dos apêndices A e B equivalem a cerca de 40% do total do livro, o que o torna muito vivo e didático. Escrito em linguagem acessível, apesar de ser em inglês não apresenta maiores problemas para o leitor que tenha um bom conhecimento do idioma escrito e da metalinguagem desta área de estudos. Mesmo sendo ainda experimental, **PACS** preenche todas as condições para ser um procedimento lingüístico aplicável em trabalho clínico, podendo ser ampliado e modificado de acordo com as necessidades do terapeuta. Seria altamente positivo se lingüistas que trabalham com outros idiomas que não o inglês se dispusessem a adaptar e replicar o **PACS**, permitindo sua aplicação na análise e terapia de desvios fonológicos em outras populações.

GRUNWELL, P. (1985) *Phonological Assessment of Child Speech (PACS)*. Windsor, NFER-NELSON, 174 p.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EDWARDS, M. L. & SHRIBERG, L. D. (1983) *Phonology: applications in communicative disorders*. San Diego, College — Hill Press.
- ELBERT, M. & GIERUT, J. (1986) *Handbook of Clinical Phonology*. London, Taylor & Francis.
- GRUNWELL, P. (1981) *The nature of phonological disability in children*. London, Academic Press.
- GRUNWELL, P. (1982) *Clinical Phonology*. London, Croom Helm.
- HODSON, B. (1980) *The Assessment of Phonological Processes*. Danville, Interstate.
- HODSON, B. W. & PADEN, E. P. (1983) *Targeting intelligible speech*. San Diego, College — Hill Press.
- INGRAM, D. (1976) *Phonological disability in children*. London, Edward Arnold.
- INGRAM, D. (1981) *Procedures for the phonological analysis of children's language*. Baltimore, University Park Press.
- SHRIBERG, L. D. & KWIATKOWSKI, J. (1980) *Natural Process Analysis (NPA)*. New York, John Wiley & Sons.
- STOEL — GAMMON, C. & DUNN, C. (1985) *Normal and disordered phonology in children*. Baltimore, University Park Press.
- WEINER, F. (1979) *Phonological Process Analysis*. Baltimore, University Park Press.

Regina Ritter Lamprecht  
PUCRS

COUTO, Hildo Honório do. *O que é português brasileiro*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

Desde a polêmica suscitada por Alencar no post scriptum à novela *IRACEMA*, o problema da «língua brasileira» tem dividido as opiniões de filólogos, sociólogos, professores, literatos e interessados em assuntos lingüísticos. Atualmente Afrânio Coutinho é a voz mais atuante na defesa da existência de uma «língua brasileira» em nosso país.

Certamente com ele não concorda o prof. Hildo H. do Couto que em seu livrinho, de nº 164 na coleção «Primeiros Passos», trata logo de deixar claro que a «língua do povo brasileiro é a língua usada pelo povo brasileiro, isto é, a língua portuguesa manifestada nas suas diversas modalidades regionais e sociais». Ele reconhece que «Portugal e Brasil falam a mesma língua, só que cada um tem a sua modalidade específica de português, em consonância com suas forças e relações de produção específicas» (p. 45). O que ele não aceita é a propalada superioridade do português de Portugal (crença mais do lado de lá do que de cá) em termos de correção e, nesse sentido, nada temos a objetar. Lingüisticamente falando, nenhuma língua é melhor do que outra.

Depois de acusar com veemência as classes dominantes (as quais, segundo ele, estão «sempre ativas a fim de manter



o controle sobre toda a população») de tentarem impor uma das modalidades da língua portuguesa (a culta) como se fosse o português brasileiro, o prof. do Couto não consegue levar adiante sua argumentação tão eloqüente e acaba por concordar que a língua falada por quem detém o poder, a língua culta, é a que deve servir de norma para todos os brasileiros. O prof. percebeu que mesmo na mais pura democracia sempre haverá um grupo com mais condições sócio-econômico-lingüísticas e, como tal, forçosamente ocupará os postos-chave da nação. E naturalmente servirá de padrão em todos os níveis, principalmente no lingüístico. Aliás, pelo contexto mundial, as coisas não poderiam ser diferentes em termos de Brasil.

Com efeito, o que o prof. Couto defende, apresentando as razões mais válidas e coerentes possíveis, é o estabelecimento de uma **norma geral** para o português brasileiro que leve em conta a linguagem usada pelas pessoas cultas do país inteiro. Daí sua crítica ao projeto NURC que, a seu juízo, «encerra uma forte dose de arbitrariedade, uma vez que seleciona a linguagem de apenas algumas das grandes e tradicionais cidades brasileiras» (p. 77).

A propósito, convém mencionar o posicionamento do prof. Silvio Elia que, em comentário às obras **Língua e liberdade**, de C. P. Luft e **Para uma nova gramática do português**, de M. Perini, afirma que a norma culta brasileira «já existe de há muito, porquanto resultou, como, de maneira geral, a de qualquer país, de longa sedimentação histórica, que, conferindo-lhe prestígio e compreensibilidade, a tornou aceitável pela totalidade, ou quase, da população» (cf. **Linguagem**, n.ºs 4/5/6 de 1986, p. 124, 127).

Para o prof. Couto a gramática em que se baseia a língua culta, a gramática ensinada nas escolas, é lusitanizante e elitista, eivada de exemplos de autores portugueses e brasileiros do século passado ou séculos anteriores, portanto, completamente fora da realidade lingüística brasileira em que vivemos. Muita razão tem o professor nesse ponto e também quanto às observações acerca da colocação pronominal e da regência de muitos verbos, casos em que a diferença de usos no português brasileiro é gritante em relação a Portugal. Segundo ele, estaria aí a origem dos problemas de ensino/aprendizagem do português nas escolas. Francamente, concordo apenas em parte. As causas das deficiências no ensino da língua materna são inúmeras, tanto do ponto de vista lingüístico quanto extra-lingüístico; contudo não caberia agora uma discussão a respeito. Um professor de mentalidade aberta e consciente do seu papel tem condições de manejar com as questões confl-

tantes e buscar uma solução adequada. O importante é mostrar ao aluno que as diferenças existem (quer diatópicas, quer diastráticas) e que dentro da nossa realidade sócio-político-econômica, a qual não podemos ignorar, é preciso obter um domínio bastante razoável dos conteúdos gramaticais para «bem» falar e escrever no português brasileiro que herdamos e respeitamos como nosso idioma nacional.

Um aspecto negativo neste livrinho do prof. Couto é a linguagem em que expressa suas idéias. Não me parece que palavras como «camarilha», «chefetes», «tiranetes» e similares tenham acrescentado algo em favor daquilo que o professor queria dizer. Na verdade em quase todo o livro perpassa um tom inflamado de revolta contra os «donos do poder e seus prepostos», contra as classes dominantes. O texto, às vezes, chega a lembrar um manifesto de líder sindicalista, ou de candidato de oposição. Não creio que seja uma característica da coleção «Primeiros Passos», pois já li outros volumes e não senti esse clima panfletário. Para completar, em certas ocasiões o professor Couto chega às raias da falta de ética, empregando palavras até injuriosas contra os professores de português e os gramáticos, chamando-os, por exemplo, de «serviçais dos donos do poder» ou de «lacaços gramaticais». Esqueceu-se o Autor de que também ele já foi professor de português e, por conseguinte, está ofendendo a si próprio.

Tenho por certo que um tema tão importante como se configura a Língua Portuguesa, deveria ser discutido de forma menos apelativa. Afinal, antes de ser considerada um instrumento de dominação, a língua deve ser vista como o meio primordial de comunicação/libertação do homem.

Marta Kirst  
PUCRS

**Paisagens**, de Porto Alegre, Apolinário — Movimento/ Minc/ Pró-Memória / Instituto Nacional do Livro, Porto Alegre 1987

É de grande importância reavivar obras imobilizadas nas velhas estantes e recolocá-las nas mãos de leitores e pesquisadores uma centena de anos após o seu aparecimento.

**PAISAGENS** foi publicado em Porto Alegre em 1875, reunindo alguns contos de Apolinário Porto Alegre.



Neste ano, o Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS lança uma edição atualizada e crítica do volume publicado sob a responsabilidade da então Imprensa Literária de Porto Alegre. Para a edição atual tomou-se o texto publicado em 1875, procedendo-se à atualização ortográfica e de outros elementos próprios da edição crítica.

Nesta edição há estudo crítico de Regina Zilberman e o estudo bibliográfico e fixação de texto por Maria Eunice Moreira.

Apolinário Porto Alegre nasceu no dia 29 de agosto de 1844 em Rio Grande.

Em 12 de outubro de 1859, chega em Porto Alegre, em companhia da família, em virtude da transferência do pai. Realiza os estudos secundários no Colégio Gomes, de Frederico Ferreira Gomes, seu parente. Em 1861 viaja a São Paulo a fim de cursar a Faculdade de Direito. Pouco tempo depois os estudos são interrompidos pela morte do pai.

Regressando a Porto Alegre inicia sua atividade no magistério no Colégio do Dr. Ciro José Pedroso e Padre Massa.

Em 1866 funda-se a Sociedade Partenon Literário, que exercerá influência em toda a Província. Apolinário foi presidente e redator da Revista, nela publicando grande parte de sua obra literária e política.

Após muitas andanças e desilusões, falece em Porto Alegre, no dia 23 de março de 1904, o «Solitário da Casa Branca» alcunha com que ficou conhecido Apolinário Porto Alegre.

Apolinário foi sem dúvida o iniciador do regionalismo no Rio Grande. PAISAGENS é um livro que marca uma etapa importante do momento juntamente com o romance **O Vaqueano**.

#### Ir. Elvo Clemente

**PROVINCIANAS**, de Bernardo Taveira Júnior — Movimento/Minc/Pró-Memória/ Instituto Nacional do Livro, Porto Alegre, 1967.

O Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS, desde a sua fundação em 1977, vem desenvolvendo trabalho de pesquisa

que visa à atualização e o estudo crítico dos autores significativos da literatura sul-rio-grandense.

Em 1985/86 os professores Carlos Alexandre Baungarten e Maria Eunice Moreira sob a coordenação de Regina Zilberman fizeram a fixação de texto e estudos críticos e bibliográfico de **PROVINCIANAS**, de autoria de Bernardo Taveira Júnior cujo sesquicentenário de nascimento em Rio Grande, ocorreu no ano passado. Veio a falecer em Pelotas a 19 de setembro de 1892.

Tentou a Faculdade de Direito em São Paulo, não se formou por falta de recursos. Dedicou-se ao magistério, em Pelotas, lecionando Português, Latim, Inglês e História. Taveira Júnior pertence a uma geração marcante das Letras no Rio Grande, geração do Partenon Literário, nas décadas de 60 a 80.

Publicava nos seus escritos nos periódicos **Arcádia**, de Rio Grande; **Diário de Pelotas**, **Progresso Literário** e **Jornal do Comércio** todos de Pelotas, além da Revista **Partenon Literário**, de Porto Alegre.

Professor e Jornalista, também foi crítico e tradutor. Dedicou-se à tradução das obras de Alexandre Dumas, Malot, Schiller e românticos alemães que reuniu no livro **Poesias Alemãs**. Como crítico desenvolveu trabalho pioneiro com as «Reflexões sobre a literatura rio-grandense».

A estréia literária de Bernardo Taveira Júnior se registra em 1869 com **Poesias Americanas**, três anos da publicação de **Colombo**, de Araújo Porto Alegre. Trata-se de um conjunto de dez poemas indianistas, onde se evidencia sua adesão à primeira geração romântica brasileira. Erigindo o índio símbolo da nacionalidade, a exemplo de Gonçalves Dias é evidente nesse texto que, publicado nas gráficas de Araújo e posteriormente em livro, se constitui na produção mais uniforme do indianismo praticado pelos românticos rio-grandenses!

Maria Eunice Moreira e Carlos Alexandre Baungarten fixaram o texto para a mesma edição de **PROVINCIANAS**, pela Editora Movimento e apoio do Ministério da Cultura Pró-Memória, Instituto Nacional do Livro.

O trabalho é de excelente qualidade e coloca nas mãos dos usuários um texto rico de informações, de preciosas notas para melhor compreender a poesia indianista de Taveira Júnior.



## RESENHA CRÍTICA

### TREM DA SERRA: Uma Viagem de Desvendamento\*

Iris Kőrbee

Ernani Fornari, artista polivalente, praticamente desconhecido do público gaúcho na atualidade e até pouco valorizado como poeta em sua época. Encetou no Rio de Janeiro a partir de 1934 a carreira de teatrólogo que ainda em vida o consagrou, dando-lhe logo projeção nacional.

Estreou na poesia como simbolista, influenciado, a exemplo de muitos outros, por Verlaine, Rimbaud e Mallarmé. Identificasse, de alguma forma, com os simbolistas portugueses Cesário Verde e Antônio Nobre.

Seu primeiro livro, publicado em 1923, **Missal da Ternura e da Humildade**, é lírico e místico. A única obra poética de qualidade e renovação literária é **Trem da Serra**, livro de 32 poemas, publicado em 1928. Obra de modernidade, mensageira de uma nova estética. **Trem da Serra** situa-se num nível que ultrapassa não somente os outros poemas do autor, mas os de muitos contemporâneos seus, tais como Vargas Neto e Olmiro de Azevedo, este último apontado, juntamente com Ernani Fornari, como introdutor do regionalismo serrano. A modernidade de **Trem da Serra** é corroborada por vários estudiosos da literatura sul-riograndense, como Guilhermino César:

«Para a poesia modernista o ano mais significativo vai ser o de 1928, quando apareceram alguns livros destinados a marcar a aceitação unânime dos postulados renovadores entre os jovens que começaram a abrir caminho.»<sup>1</sup>

Athos Damasceno, em entrevista cedida a Lígia Chiapini M. Leite, salienta a renovação literária implícita em **Trem da Serra** e ressalta as qualidades inovadoras da obra, dizendo que Fornari veio explorar um «tema ainda inexplorado. É um poema regional da serra: Não há só campo no Rio Grande do Sul.»

\* Fragmento da Dissertação de Mestrado em Literatura da Língua Portuguesa apresentada à Comissão Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFRGS.

Segundo Jorge Salis Goulart, Ernani Fornari veio brindar a «nova corrente da literatura moderna com um livro marcante, **Trem da Serra**.» Diz ainda:

«Esse livro entrou triunfantemente nos rails da crítica indígena como locomotiva assustando os bichos entocados nos furos de tuco-tuco do passadismo.»<sup>2</sup>

Esse parecer, contemporâneo à edição de **Trem da Serra**, dá bem idéia de seu caráter renovador, revolucionário mesmo, e, dado o conservantismo local, supomos uma resistência, quiçá hostilidade, por parte dos «penumbistas de alma decadente.» Também o novo tipo de regionalismo, ambiental na serra, deve ter surpreendido os guascas aficcionados à poesia campeira. A novidade sempre assusta.

«É um livro forte, é um livro essencialmente de mentalidade moderna e de espírito ocidental. Bem o produto dessa época de construção por

que atravessa o Rio Grande, varridas as coxilhas por essa luz de civilização, que **afugenta os lobisomens de suas tocas, e despenteia as varas no fundo das lagoas.**»<sup>3</sup> (grifo é nosso)

Apesar do inegável valor literário, e da mensagem de modernidade contida na liberdade formal, na fragmentação e oralidade da linguagem, nas inovações rítmicas e na exploração do espaço gráfico, tudo isso aplicado a uma inexplorada realidade — a serra — e perpassado de um sopro lírico que transcendeu o regionalismo de outros autores, o livro não teve a merecida aceitação. Assim, Ernani Fornari abandonou, em definitivo, o caminho encetado em **Trem da Serra**, pequena obra prima, e que poderia levá-lo mais longe, se perseverasse. **Trem da Serra** é obra poética digna de ser extirpada do esquecimento. A concepção, original e despretensiosa da coletânea, o passar dos anos não desvaneceu.

Desde a primeira leitura, a obra **Trem da Serra** foi para nós muito mais do que a descrição de uma viagem que o poeta empreende pela região da serra sul-rio-grandense. Vislumbremos uma viagem subjacente, que flui essencialmente na interioridade do poeta, com feições míticas e ressonâncias simbólicas.

A análise veio comprovar esse duplo aspecto da viagem: um plano exterior/geográfico e outro interior/psicológico. O



plano exterior faz perfilar a vida do imigrante italiano, constituindo o substrato étnico-social da obra. Noutro plano, a viagem interior do poeta em busca de si mesmo exigiu do investigador um aprofundamento ao nível poético-mítico, porque nela está centrada, em essência, a problemática do poeta/passageiro dessa viagem.

A análise se fundamenta, em parte, nas leituras de *Mito e Realidade, Tratado de História das Religiões, Ferreiros e Alquimistas* de Mircea Eliade e *Cinema e Seu Processo Psicológico* de Luis Espinal, entre outros.

O trem, a «Mallet», o flete puro-aço é o poema de abertura. Desbrava florestas, atropela árvores, deixa inicialmente perplexos e indagativos os observadores. Aos poucos, vai-se incorporando à paisagem. A imagem do cavalo, cristalizada nas mentes, impregnou a percepção dessa estranha figura, produto da tecnologia.

Diluído o espanto inicial, o flete puro-aço se integra no cenário das vinhas e sua passagem torna-se motivo de festa e atração popular nas estações das vilas. Passa a ser um elemento afetivo, vivo e épico, aos olhos da comunidade. É esse trem, um substituto do flete, antropomorfizado numa imagem de contornos míticos, que conduz o poeta a uma viagem de retorno, em busca da identidade perdida, em direção às raízes ou às águas originais da existência.

E é neste espaço externo/geográfico, a serra gaúcha, que desfila o trem. Em torno dele se ordena o mundo e com ele se constrói o discurso poético. O «troc-troc» da locomotiva do poema inicial introduz o fundo rítmico, o movimento que começa a estimular o subconsciente e a desencadear evocações adormecidas. O passageiro/poeta lentamente começa a viajar para dentro de si. Seu olhar se alterna numa dinâmica entre paisagem exterior/interior. Os longos espaços, perdidos nas montanhas, ora se aproximam, ora se distanciam. A viagem recua no tempo, numa busca para trás, mergulhando pouco a pouco num outro espaço e tempo — o tempo genuíno da memória.

Na construção de seu discurso poético, o autor se vale do artifício de uma «situação cinema». O poeta/espectador faz da janela do trem a «tela» de um cinema ambulante. É o que sugere o poema *Cinematógrafo*: «Aboletado no banco vascolejante/do meu cinema ambulante/fico olhando para a «tela» *Pathé-Baby* da vidraça/, onde a paisagem dispara, assustada, para trás.»

A «situação cinema» vivida pelo poeta/espectador forma um duplo movimento: projeção/introjeção/visão/reflexão, num processo de vaivém, de permanente busca de identificação. O confronto entre o universo imaginário do poeta no trem e o mundo externo é uma constante que progressivamente se interioriza, aprofundando a cisão entre o eu e o mundo.

Passo a passo a viagem pelos emaranhados da memória se torna uma experiência vivida, intensa. Nesse recuo, o exterior e o passado confundem-se numa experiência presente, num re-viver. Os olhos peregrinam pelas plagas da serra, Garibaldi, Bento Gonçalves, Caxias, etc., lugares que lhe revelam e ocultam veredas adormecidas, vivências originais. Perfumes e sabores antigos se presentificam, se impõem. As fortes impressões conectam emoções e vivências pretéritas. Pelos densos caminhos da neve, o poeta, passageiro/errante em busca do outro eu, chega ao término da viagem — regressa no tempo e alcança o autoconhecimento — a totalidade do ser. O poema é essa via de acesso ao todo, ao centro do eu, ao encontro do ser inteiro.

Em *Trem da Serra* Ernani Fornari transcende o condicionamento local/regional e instaura um universo imaginário e poético em que o espaço sócio-geográfico, paralelamente desvendado, constitui a superfície. Esta face epidérmica é uma ponte imprescindível, em direção ao nível mais profundo em que se processa o desvendamento do eu, fundamento último da busca do poeta. O trem como elemento condutor possibilita esta dupla exploração — exterior/interior.

Em *Trem da Serra* a viagem progressivamente se interioriza e se aprofunda na experiência psicológica e poética da personagem, experiência que nos leva a um significado mais abrangente. A viagem desponta como símbolo da própria condição do poeta — a busca perene de uma transcendência, de um ultrapassar. Esta busca jamais se completa e nisso está ligada à própria condição do homem.

A viagem se converte em aventura poética. Se poesia, segundo Octavio Paz, é convite à viagem, um «fluir ao encontro de», «regresso às raízes», *Trem da Serra* é essa viagem-poesia. O retorno culmina na descoberta do outro eu, da outra voz. A junção trem-viagem-busca-eu (outro) outorga unidade e totalidade à viagem e dá um fecho provisório à experiência poética, sempre provisório, no movediço e incerto da condição humana, raiz paradoxal do gosto de viver.

- 1 CÉSAR, Guilhermino. A vida literária no Rio Grande do Sul. In: PRUNES, Lourenço Mário et alii. **Rio Grande do Sul, Terra e Povo**. Porto Alegre, Globo, 1964, p. 215.
- 2 GOULART, Jorge Salis. Vida literária. **Revista do Globo**, Porto Alegre, 3: 1, 2 fev. 1929.
- 3 Idem, *ibidem*.



Av. Bento Gonçalves, 4080  
Telefone: 36-8300  
RAMAL PUC 113  
C&P. 90.620 — PORTO ALEGRE — RS — BRASIL